

## *O Banquete Celta na literatura irlandesa antiga<sup>1</sup>*

Dra. Celia Ruiz Fuente

Universidad de Valladolid  
[zeliaruiz@hotmail.com](mailto:zeliaruiz@hotmail.com)

### **Resumo**

Os banquetes e festas que aparecem na literatura irlandesa antiga do ciclo Feniano e do ciclo do Ulster constituem uma valiosa fonte de informação dos costumes e valores das tribos pré-romanas. Este artigo realiza um percurso temático pelos mais significativos. O objectivo é o de compreender mais dados acerca do carácter e da cultura destes povos, através das celebrações reflectidas em textos procedentes de antigos manuscritos como *Leabhar na hUidre* (O Livro da Vaca Marrom, c. século XI) ou *Leabhar Laighneach* (O Livro de Leinster, século XII).

Palavras-chave: Mito Irlandês, Festas Celtas, Banquete

### **Abstract**

Feasts and banquets as described in the Old Irish Literature from the Fenian and Ulster Cycles are a valuable source of information as to traditions and values of pre-Roman tribes. This article reviews this thematic with the aim of gaining an insight of the culture and character of the Celtic World through those celebrations whose descriptions are found in the old manuscripts, such as *Leabhar na hUidre* (*The Book of the Dun Cow*, c. XI) or *Leabhar Laighneach* (*Book of Lecam*, XII).

Keywords: Irish Myth, Celtic Feast, Banquet

The men of Ulster were drinking in the house of Feidhlimidh, son of Dall, Conchobhar's storyteller. (...) Drinking horns and servings of food went round, and they raised a howl of drunkenness.

É assim que começa uma das narrações mais conhecidas e apaixonantes do mundo celta, que trata da tragédia dos filhos de Uisliu, exilados da Irlanda pelo amor da jovem Deirdre, e do seu fatal regresso. Esta é uma descrição frequente nos antigos textos celtas irlandeses, que mergulham o leitor ou ouvinte *in media res*, no decorrer de um banquete dos muitos que recolhe esta literatura, tanto no ciclo do Ulster como no ciclo Feniano.

Os celtas irlandeses celebravam nas suas festas o início de cada estação – o Inverno em Samhain (1 de Novembro) e o Verão em Beltaine (1 de Maio) –. Estes dois momentos davam ocasião a grandes feiras que reagrupavam as tribos da região para o comércio, troca de notícias, publicitar leis e festejar, durante pelo menos uma semana, a abundância das colheitas, o trasbordamento dos rios, a presença da divindade, as mudanças da natureza e da vida.

Eram famosas as celebrações de Samuin durante o mandato do rei Conchobor, momento de glória dos guerreiros do Ramo Vermelho, os homens de Ulster.

Each year the Ulaid held an assembly: the three days before Samuin and the three days after Samuin and Samuin itself. They would gather at Muirthemni, and during these seven days there would be nothing but meetings and games and amusements and entertainments and eating and feasting. (“The Wasting Sickness of Cú Chulaind”. Gantz 1986: 155.)

As feiras são para os guerreiros e nobres celtas uma oportunidade para fortalecer os laços de clientela ou para fazer pactos amparados pela generosidade do senhor, cuja honra aumenta em proporção directa com a sua magnificência. Estes encontros são necessários na sociedade da Idade do Ferro como um instrumento de redistribuição das riquezas obtidas das razias ou da agricultura. São o momento perfeito para os guerreiros demonstrarem as habilidades com as armas, o que os leva a competir em lutas animadas com a mistura de cerveja e mel. As lutas corpo a corpo entre iguais são inevitáveis nestes banquetes, com os comensais prontos a confrontar as suas forças, e às vezes até a morte, com a ousadia própria da juventude.

Dentro de uma feira, o banquete é o momento para exaltar o chefe, para louvar a sua generosidade e recitar a linhagem, para recordar o valor dos antepassados e do clã em batalhas que se perdem no tempo. É então que o Poeta e o músico impõem a autoridade, a destacar-se sobre a algazarra da festa e a reclamar um silêncio quase mágico capaz de dar lugar à imaginação. Este costume cria e faz perdurar a literatura oral durante séculos, ainda que nenhum dos relatos que encheriam estas festas sobreviveu, é claro, na mesma forma em que era recitado naquela altura. As narrações conservadas não estão livres da marca ou da deformação do escritor. Essa mistura de literatura, história e sabedoria, disseminada em centenas de textos manuscritos é o material que o estudioso tem. Algumas páginas desapareceram, outras estão sobrescritas, muitas danificadas, algumas linhas ininteligíveis. O que resta, o que podem ler os expertos, é um material surpreendente, um modelo de imaginação no que subjazem o mito e o costume, adornados com o extremo exagero, o minucioso detalhe ou a imensa ambiguidade, a ingenuidade ou a subtil ironia daquele mundo em que as palavras ainda tinham magia.

Para organizar este imenso material, os especialistas realizaram uma classificação das narrações baseada em categorias temáticas que seguem aproximadamente uma pauta de narração e de personagens, que se denominam “Ciclos

Temáticos”. Ainda que seja inevitável a interferência das personagens de um ciclo para outro, foi acordado considerar quatro ciclos, entre os que se destacam para o presente propósito o Ciclo do Ulster, que relata as façanhas dos guerreiros pré-históricos desta região, e o Ciclo Feniano, que se refere às lendas de um grupo de guerreiros medievais, os Fianna. Ambos têm uma estreita relação com o chamado Ciclo Mitológico, protagonizado por divindades do período pagão, já que o caminho para o Além parece estar sempre aberto para os guerreiros, para a luta e, naturalmente, para o banquete.

Sob este signo de indeterminação é necessário interpretar as formosas descrições de festas celtas que se acham nos manuscritos, cujas traduções foram utilizadas como fontes para este breve estudo.

Um dos exemplos mais pródigos de uma festa celta é incluído num relato eminentemente humorístico, o “The Intoxication of the Ulaid”. Este fragmento resulta um modelo perfeito para fazer uma revisão rápida de todos os elementos que contêm uma festa celta absolutamente ideal, a começar pela quantidade e qualidade dos convidados e das atenções a eles devidas:

All the Ulaid assembled at the feast, so that there was not a man from the smallest hamlet who did not attend. Each king came with his king, each lord with his lady, each musician with his proper mate, each hospitaller with his female companion: but they were attended to as well as if only a small company had arrived. (Gantz 1986: 195)

A necessidade de construir alojamentos para assegurar o conforto dos convidados:

Lovely, well built finely appointed sleeping chambers were prepared. Beautiful loft balconies were strewn with rushes and fresh rushes, and there were long houses for the hosts, broad, capacious cooking houses, and a broad entranced, multi-coloured hostel, wide and high and handsome, with four corners and four doors, where the chieftains of Ulaid, men and women might assemble and drink and make merry. (Gantz 1986: 195)

A qualidade e abundância da comida apresentada:

Choice portions of food and drink were served them, so that sustenance for one hundred men reached every nine guests. (Gantz 1986: 195)

As necessárias divisões que garantem o respeito às hierarquias dos convidados no que respeita à paz e a ordem da celebração:

Conchobor ordered the drinking house by deeds and divisions and families, by grades and arts, and by gentle manners, all towards the fair holding of the feast. (Gantz 1986: 195)

A variedade e a especialização de cada um dos serventes necessários:

Servers came to serve, cupbearers to pour, doorkeepers to guard the doors. (Gantz 1986: 195)

A presença da música, a poesia e a abundância de presentes de alta qualidade oferecidos aos convidados:

Musicians came to play and sing and amuse. Poems and tales and encomia were recited, and jewels and gems and treasures were distributed. (Gantz 1986: 195)

Sob o ponto de vista social, a festa tem de ter em consideração certos padrões, garantir o respeito e o adequado acolhimento dos nobres convidados, tornando claro o poder do anfitrião, simbolizado na sua generosidade. Supõe, além disso, a presença dos druidas, possuidores do poder para julgar, o que faz destas reuniões uma boa ocasião para os comensais poderem obter um veredicto numa causa de litígio, com a aprovação de toda a comunidade. Estes casos dão-se também nas narrações conservadas.

Entende-se o banquete, portanto, como uma representação da vida em todas as formas – a real, e a irreal, ligada com o Além – e como uma fonte de conhecimento dos costumes e o carácter dos povos celebrantes.

### **A festa do divino**

Nenhuma informação nos chegou acerca dos ritos secretos dos druidas. Sabe-se, todavia, da crença de que o dia de Samhain o mundo invisível fica mais perto do que nunca do mundo real, permitindo visitas dos deuses aos humanos e dando origem a todo tipo de relatos extraordinários. É o momento dos sacrifícios rituais, da tomada de grandes decisões, da regeneração através da morte. Muitos relatos começam na festa de Samhain, a demonstrar assim a importância desta. Esta celebração estabelece uma ligação com o divino, o mágico, o desconhecido, que acha no destino o limite de uma natureza humana concebida dentro do mundo natural que a rodeia, sujeita às mesmas leis.

O banquete imita na abundância os dons da natureza, a profusão é abençoada pelos druidas nos sacrifícios de animais impostos, e validada nas lendas que falam na prodigalidade do mundo do Além:

Riches, treasures of every colour are in Cúin<sup>2</sup>, have they not been found?  
Listening to sweet music, drinking choicest wine. (Jackson 1979: 174.)

O paraíso celta reúne entre outras milagrosas características, a de ser um longo banquete repleto de comida, bebida, música e prendas para os hóspedes. Portanto, a festa aproxima os membros do clã desse paraíso, numa tentativa de fazê-los um com a divindade.

Aprofundando a simbologia da festa concebida como passagem entre dois mundos, vê-se o banquete estreitamente associado com o destino do guerreiro, dentro da ideia da renovação contínua das coisas. É assim que aparece no relato intitulado “The Destruction of Da Derga’s Hostel”, que descreve a morte de um jovem rei no decorrer da celebração de Samhain, na noite em que a divisão entre os dois mundos é mais leve.

A importância deste texto não está apenas no conteúdo, mas também nas magníficas imagens que o formam. A descrição é a parte essencial das recitações dos poetas celtas, e neste caso guarda um esplendor de grandeza efêmera, uma vez que toda a juventude, beleza e força das tropas apresentadas vai ser destruída. Quanto maior a fama e a dignidade das pessoas ali reunidas, maior é a glória do sacrifício. Um por um o rei vai quebrando os “geasa” – tabus que lhe são atribuídos-, e provocando a sua própria ruína, bem como a do seu exército. A desatenção com que se trata o desenlace apenas faz incidir no inevitável. Afinal, um dos heróis do Ulster, Conall Cernach, escapa vivo, com múltiplos ferimentos no braço e mão direitos, e relata ao pai dele: “There are many

to whom it (*my hand*) served drinks of death at the entrance to the hostel tonight”. Nos textos abunda a cor do sangue, que está secretamente ligado ao destino e à passagem para a outra vida. Não em vão para os celtas era desejável a morte cruenta na batalha e amaldiçoada a morte na senescência.

### A festa do humano

Sob um ponto de vista pseudo-histórico, a festa é o contexto ideal para entender o carácter celta – essa mistura inseparável de gozo de viver e desejo de morrer –, já que inclui múltiplas situações nas quais o carácter celta fica retratado pelas próprias acções: predições, disputas, denúncias, batalhas, vinganças, salvaçãoes e amores trágicos desenrolam-se nestas celebrações, dando ocasião às mais fantásticas aventuras, como se verá de seguida.

É costume oferecer um banquete de pelo menos uma semana de duração àqueles que acudem a pedir ajuda, como fazem Medb e Ailill de Connacht, nas múltiplas ocasiões que são consultados por representantes de povos vizinhos, deuses ou homens. O mesmo acontece no Ciclo Feniano, cujos banquetes são celebrados dentro e fora da realidade, pois as festas às quais os Fianna vão convidados pelos Sidhe são frequentes nos textos. Os Sidhe pedem ajuda aos Fianna e recebem-nos primeiro com um banquete que dura pelo menos cinco dias e cinco noites, no final do qual se relata o problema e os Fianna principiam a batalha contra os inimigos dos Sidhe. Outras vezes uma jovem dos Sidhe requer um cavaleiro dos Fianna, o que leva também a grandes festejos de fraternidade entre os dois grupos. O rei Conchobor acolhe os outros chefes do Ulster a quando vieram oferecer-lhe o terço do reino durante um ano, e a festa dura três dias e noites, em que os guerreiros passaram a “drinking at Conchubur’s feast until they had finished with it”. E Cuchulain prepara uma festa real para Conchobor na que “there were one hundred vats of every kind to drink” (“The Intoxicaton of the Ulaid”, Gantz 1986:193-194).

Tal é a importância concedida à bebida nestas celebrações que os recipientes que a contêm outorgam uma especial entidade aos portadores.

Da mesma forma que se acham profusas descrições das vestimentas, das jóias, dos cavalos ou das armas dos guerreiros em vários fragmentos, existem descrições de apetrechos e, no chamado *Colóquio dos Idosos (Acallam na Senórach)* há também uma longa lista de recipientes para conter a bebida, pelos que se interessa São Patrício neste curioso diálogo:

“Tell me, dear Cailte,” said Patrick, “were there drinking-horns or goblets, or cups of crystal and shining gold in the houses in which you stayed in the old days?” Cailte answered thus:

“Twelve horns and three hundred, the golden horns of Finn, Oceans of ale they held, at the feasting of his men.”

Depois do qual recita ao santo a peculiaridade de cada um dos recipientes, os nomes, o conteúdo e a capacidade para dar de beber aos homens que vinham a cada festa, como é que alguns correspondiam aos guerreiros e outros às mulheres, como é que passavam de mão em mão, e como é que se enchiam com abundância, as batalhas que alguns provocaram e as propriedades mágicas doutros. As tigelas para a bebida caracterizam os homens e a generosidade deles como as armas são uma extensão do valor. Assim a capacidade para beber e celebrar é intrínseca de um guerreiro irlandês, e amplamente valorizada pelo clã.

A bebida, como é bem sabido, é abençoada por esta cultura, e até os mesmos deuses obtêm a imortalidade ao beber “Goibnius immortal beer”, para ficarem livres de doença e velhice.

Em algumas narrações mais antigas, do Ciclo Mitológico, o facto de beber provoca a reencarnação e a concepção. Por exemplo, na lenda “The Wooing of Étaín” a bebida fecha o círculo no que a jovem Étaín será devolvida ao seu amante dos Sidhe, Midir, quando convertida em mosca, sofre um feitiço que a transporta pelo vento ao redor da ilha da Irlanda durante oito anos.

in wretchedness and weakness until it alighted on the roof of a house in Ulaid where people were drinking; there, it fell into a golden vessel that was in the hand of the wife of Étar (...) Étaín was conceived in the woman's womb and was born as her daughter. (Gantz 1986: 47)

O próprio Cúchulainn é concebido desta maneira, numa das lendas que narram a sua origem dele, atribuindo a paternidade ao deus Lug:

... she [Deichtine] felt thirsty and requested drink from a copper vessel, and that was brought. Every time she put the vessel to her mouth, a tiny creature would leap from the liquid to her lips; yet, when she took the vessel from her mouth there was nothing to be seen. (Gantz 1986: 133)

Sob estas tradições subjaz o carácter sagrado e mítico da libação como fonte de vida.

Quanto à comida apresentada num banquete, é fácil achar também a deificação desta em muitas lendas ligadas ao mundo da magia, a julgar pela quantidade de animais que suportam infinitos banquetes, já que têm o privilégio de renascer para voltarem a ser sacrificados quantas vezes necessárias. É assim que acontece com os porcos de Asal, rei dos Pilares Dourados, “though they are killed at nightfall, they are found alive again the next day, and they will cure anyone who is sick or in ill health, and they never grow less with the eating” (“The Quest of the Children of Turenn”, O’Faoláin 1986: 10).

As viandas são frequentemente objecto de exagero, como convém ao desejo do bardo para agradar ao senhor, louvando a qualidade dos manjares apresentados. Mas nenhuma descrição se iguala à festa com que Bricriu honrou os homens do Ulster, cujas linhas criam uma grande expectativa – bem como uma valiosa informação – à volta da magnificência dos manjares preparados:

I have a seven year old boar that since it was a piglet has eaten nothing but gruel and meal and fresh milk in spring, curds and sweet milk in summer, nuts and wheat in autumn and meat and broth in winter. I have a lordly cow that is also seven years old, and, since it was a calf, it has eaten nothing but heather and twigs and fresh milk and herbs and meadow grass and corn. I have one hundred wheat cakes cooked in honey; twenty-five bushels of wheat brought for these cakes, so that each bushel made just four cakes. (Gantz 1986: 223-224.)

Neste fragmento, Bricriu está a descrever a porção do campeão, causa da maior competição desencadeada entre os três heróis do Ulster, que os levará duma região para outra, inclusive o Além, e a realizarem fantástica façanhas para mostrar qual deles é merecedor da tal honra. Esta é uma festa que dura semanas e que serve de contexto para entrelaçar estórias das mais variadas temáticas.

Tal como a bebida e a comida, a música é essencial nas festas. Por isso são exaltados os músicos, a memória para as peças e a habilidade são recompensadas, e a

sua fineza desperta a inveja dos próprios deuses, como no caso de Cnú Deróil, o músico de Finn, “the vey musician who was the finest in Ireland and in Scotland”, (...) and the jealousy of the musicians of the *Túatha Dé Danann* had driven him from the *síd* (Dooley; Roe 1999: 20). Este comentário incide no carácter divino da música e de aí os efeitos mágicos em múltiplas sequências do Ciclo Feniano, nos que a música incita o sono.

A divindade e a magia encerradas na música convertem-na num elemento conciliador das duas culturas, a pagã e a cristã. É assim enfatizada e mantida com a chegada do cristianismo, sendo os próprios clérigos e São Patrício sancionadores da tal riqueza, que será então incorporada ao ritual cristão, para a maior glória de Deus e dos homens:

You were preserved, dear Caílte, for great goodness, for the time of belief and of the holy and the righteous, and in order to be in friendship with the King of Heaven and Earth. Now, sing for us, Cas Corach, something of your art and of your own skill. (...) The clerics had never before heard anything as melodious, except for the praise of the service of the Lord and the praise of the King of Heaven and Earth. (Dooley; Roe 1999: 104)

Neste caso, como em todos os festejos, o músico é graciosamente recompensado, como convém à grandeza dos anfitriões, uma vez que o banquete oferece ao senhor a ocasião de fazer alarde de generosidade, uma das virtudes mais valorizadas pelos celtas, cuja recompensa serão os louvores cantados pelo poeta. Tanto é assim que um rei tacanho não é digno de levar a coroa da Irlanda, e merece ser destituído, tal e como se menciona numa das mais antigas histórias do Ciclo Mitológico, a história do rei Bress. O poeta Corpry chegou à corte e foi hospedado num frio quarto sem mobília e sem fogo, onde, depois de longa espera, lhe fizeram comer três bolachas sem sequer um copo de cerveja. Em vingança, escreveu a primeira sátira da literatura irlandesa:

Without food quickly served,  
Without a cow's milk, whereon a calf can grow,  
Without a dwelling fit for a man under the gloomy night,  
Without means to entertain a bardic company,—  
Let such be the condition of Bress. (Rolleston 1986: 108)

É este um exemplo do poder da sátira do poeta, temida por todo o rei que se prezasse.

Como cerimónia de carácter social, o acontecimento mais reconhecido dentro do Ciclo Feniano é a Feira de Tara, importante festividade que reunia os grandes da Irlanda para estabelecer as normas que regeriam o país durante um ano, e cujo carácter ancestral aparece sublinhado por esta norma:

A prerogative of the feast of Tara was that no one dared give offence or take retaliation for six weeks, the time that men were drinking or feasting at the Feast of Tara. (Dooley; Roe 1999: 52.)

Circunstância que aproveita Finn, filho de Cumall, anterior chefe dos Fianna da Irlanda, para apresentar serviço ao rei actual, o vencedor do seu pai. Acontece que o forte de Tara era queimado a cada ano na noite de Samhain<sup>3</sup> por uma personagem dos Sidhe, Aillén, filho de Midga, dos Túatha dé Dannan (os deuses dos Sidhe). Todas as noites de Samhain, aquando os guerreiros dos Fianna da Irlanda celebravam a Festa, Aillén aparecia a tocar o saltério mágico que adormecia os comensais e queimava o

edifício com todos os tesouros. Será unicamente Finn MacCumall, o herdeiro da liderança dos Fianna, quem com ajuda da magia libertará Tara da maldição e ocupará o cargo de comando que fora arrebatado ao pai dele. Deste modo o banquete se estabelece como o contexto de restituição de um direito.

Achamos um precedente deste direito no relato intitulado “The Quest of the Sons of Turenn”, que pertence ao Ciclo Mitológico e relata a vingança do deus Lug contra os assassinos do pai dele, aproveitando o direito de restituição do banquete de Tara, com a aquiescência do conselho dos grandes da Irlanda, ali reunidos. Lug não pede a morte dos assassinos, mas uma compensação. Ante tal oferta, os filhos de Turenn levantam-se admitindo o crime, e aceitando oferecer o desagravo exigido, que acaba por ser:

Three apples,  
The skin of a pig,  
A spear,  
Two horses and a chariot,  
Seven pigs,  
A puppy of dog,  
a cooking spit,  
Three shouts on a hill. (O’Faoláin 1986: 9)

A compensação é aceite, e aqui se inicia a grande odisseia dos filhos de Turenn, que não vão ter descanso até ter conseguido cada um destes objectos mágicos, com grande perigo para as suas vidas, que afinal entregam também, como pagamento do cobarde crime.

Outra compensação digna de ser mencionada é a narrada pela lenda do cão de Culann, inscrita no Ciclo do Ulster, na qual o banquete provê o contexto para que o jovem Setanta realice a primeira façanha e obtenha assim o nome próprio de guerra, convertendo-se no famoso herói Cúchulainn. Esta lenda contém múltiplos detalhes do rito de iniciação que um guerreiro celta tem de cumprir para alcançar a maturidade, assim como também do carácter do grupo de guerreiros reunidos no banquete.

Aconteceu que o rei Conchobor se dirigia a uma festa em casa do ferreiro Culain e convidou o filho adoptivo Setanta para o acompanhar a ele e aos guerreiros dele. A criança prometeu ir depois do jogo. Ao chegar a casa do ferreiro, o rei esqueceu o jovem convidado, por isso depois de todos entrarem Culain liberou o seu cão para proteger a propriedade: “Three chains are needed to hold him, with three men on each chain.” (Kinsella 1982, 83)

Setanta chegou a jogar com a bola e o bastão de hurling, o cão atocou-o, mas, perante o olhar atônito dos guerreiros do Ulster,

Cúchulainn tossed the ball aside and the stick with it and tackled the hound with his two hands: he clutched the hound’s throat-apple in one hand and grasped its back with the other. He smashed it against the nearest pillar and its limbs leaped from their sockets. (Kinsella 1982, 83)

Tendo superado a primeira prova de supervivência na luta, a criança tem de superar agora a segunda prova, que consiste em demonstrar suficiente maturidade social, ao enfrentar a fúria do ferreiro, cuja hospitalidade ofendeu ao matar o seu cão de guarda. O jovem não hesita em oferecer a solução:

I’ll rear you a pup from the same pack. Until that hound grows up to do his work, I will be your hound, and guard yourself and your beasts. And I will



guard all Muirtheimne plain. No herd or flock will leave my care unknown to me. (Kinsella 1982, 84)

Do cumprimento desta promessa adquiriu o nome de Cúchulainn -“o cão de Culain” – e a obrigação de velar por todos os territórios do Ulster. A prova que superou no banquete do ferreiro, na presença dos melhores homens do Ramo Vermelho, levou ao reconhecimento da sua maturidade, e consagrou-o como guerreiro quando tinha seis anos.

Como se tem verificado, a compensação por um dano infligido faz parte das mais antigas leis brehonas, e é no contexto de um banquete onde a literatura nos apresenta a situação propícia para o tal acto, sancionado por todos os presentes e imprescindível para que o ofensor continue a fazer parte do clã.

A compensação é com frequência requisição obrigatória para reparar um acto de violência, normalmente um assassinato, que pode facilmente cometer-se num banquete onde é frequente que se dê rédea solta às paixões. É um traço do carácter dos celtas, tal como assinalam várias fontes clássicas, a facilidade com que respondem à provocação e se enredam em lutas entre iguais, por insignificante que seja o motivo. Tanto é assim que a mitologia personifica esta característica na figura mítica de Nár Thúathcáech, “the swineherd of Bodb, from Síð ar Femuin. He has never attended a feast where he did not shed blood”.

O Ciclo do Ulster possui múltiplos exemplos deste carácter violento e imprevisível, entre os quais é preciso mencionar a magnífica sequência do banquete em casa de Dáire, relatada na *Táin Bó-Cúailgne*.

Os homens de Medb de Connatch são enviados a casa de Dáire com valiosos presentes à procura do “Donn Cuainge”, o enorme touro marrom cobiçado pela rainha. O bom término das negociações estava-se a celebrar num generoso banquete no qual “(...) they were looked after, and rushes of fresh straw were settled under them. They were given the best of good food and kept supplied with the festive fare until they grew drunk and noisy.”

O palavreado originado pela cerveja será a causa para que, como em tantas outras ocasiões, o festim termine de modo trágico, já que umas palavras ditas ao acaso por dois mensageiros ébrios converterão a festa na mais sangrenta guerra, quando a honra dos anfitriões é posta em causa. Os mensageiros estão a comentar que se o touro não fosse cedido, levá-lo-iam pela força:

At that moment the man in charge of Dáire mac Fiachna’s household came into the hut, with a man carrying drink and another man carrying food, and heard what they were saying. He was seized with fury and put down their good and drink, saying neither “Eat” nor “Don’t eat.” He went back straight to Dáire (...) (Kinsella 1982: 57)

Ao tomar conhecimento do desafortunado comentário, a sua vaidade ferida, o chefe do clã exclama: “By the gods I worship, nothing leaves here unless I chose to let it.”.

Deste modo, o que começou como uma festa, transformou-se pela bebida numa tragédia. Por acaso não importava tanto a causa como a consequência, pois o mesmo relato estabelece claramente a evidência da guerra. É a rainha Medb quem melhor expõe ante o triste emissário o desejo que o destino sente de sangue nova:

We needn’t polish the knobs and knots in this, Mac Roth,” Medb said. “ It was well known it would be taken by force if it wasn’t given freely. And taken it will be. (Kinsella 1982: 58)

## A magia da literatura: a ironia

Todos os elementos mencionados nestas páginas, a honra do anfitrião, a agressividade dos heróis, a ira como arma do destino, as acções de alguns reis ou deuses, são transformados pela literatura de uma maneira subtil e intangível, utilizando magistralmente a ironia para criar situações absurdas de uma grande comicidade. Dir-se-ia – especialmente nalgumas lendas do Ciclo do Ulster – que o narrador está a mostrar uma sociedade em decadência, e que as façanhas dos heróis são agora objecto de troça para o ouvinte. O certo é que a ironia eleva a literatura a um estado superior, no que o narrador e o ouvinte se situam acima do narrado. Nestas narrações a literatura irlandesa antiga mostra o grau de maturidade da sociedade que a criou.

A capacidade de ironia da literatura irlandesa confere-lhe uma dimensão humana que é sem dúvida parte importante do esplendor desta. Ainda que a maioria dos relatos do Ciclo do Ulster se referem aos grandes factos heróicos realizados pelo herói Cúchulainn, existem várias sequências que supõem uma enorme paródia do herói e do próprio exército do Ulster, são três que se situam dentro de um banquete: Os relatos de “Macc Da Tho’s Pig”, “Bricriu’s Feast” y “The Intoxication of the Ulaid” conseguem ridicularizar o exército do Ulster reduzindo-o a um confronto com Connacht pela posse de um porco, ou fazem extraviar o herói na pequena ilha, que percorre em nocturna ebriedade, sem nunca encontrar o caminho de regresso, ou obrigam os heróis a lutar pela primazia das suas esposas. Vê-se brevemente cada uma destas estórias:

- “Mac Da Tho’s Pig” Gantz (1986: 179ff.): Relata o confronto dos exércitos do Ulster e Connacht por causa de um cão de guarda que ambos os povos desejam. A indecisão do anfitrião convoca-os no mesmo dia a um banquete, no que é apresentado um porco de tais proporções que têm de o acarretar quarenta bois. A luta corpo a corpo é substituída por uma luta dialéctica, na que nem um só dos heróis do Ulster – Cúchulainn excluído – parece digno de cortar a vianda, pois todos sofrem qualquer tipo de falta, bem uma mão decepada, um olho arrancado, uma recente derrota sofrida, todo o qual os descarta, como guerreiros humilhados, para despedaçar o animal e deixar assim para o próprio povo a melhor parte. Quando a entrada do grande Conall Cernach, o único capaz de desafiar o campeão de Connacht, o banquete transforma-se numa luta de grande comicidade:

They thought their share small; thy rose, the Ulaid rose, and everyone hit someone. Blows fell upon ears until the heap on the floor reached the centre of the house and the streams of gore reached the entrance. The hosts broke through the doors, then, and a good drinking bout broke out in the courtyard, with everyone striking his neighbour. (Gantz 1986: 186-187)

Deste modo, os heróis de batalhas lendárias aparecem aqui definitivamente ridicularizados. A sequência tem-se por uma mofa tardia da obra épica *Táin Bó Cuailgne*, obra-prima da literatura irlandesa.

- “The Intoxication of the Ulaid”(Gantz 1986: 188ff): Esta lenda é uma enredada paródia de muitos dos temas que aparecem noutras narrações, heróicos e mágicos, e fica enquadrada na complexa parafernália da festa, a preparação desta, motivos e contexto, já que uma celebração para os homens do Ulster pode ficar tão perto de uma luta que pode ser causa desta. Falseando outras obras que têm lugar na sagrada data de Samhain, esta narração ocorre na mesma noite, e como se fosse uma noite especial para substituir um rei, como se viu em “Da Derga’s Hostel”, este tema também aparece reflectido

aquando dois terços da Irlanda lutam em Emain Macha para ver quais dos dois terá a honra de convidar o rei, que teve de sair do palácio para dar espaço à luta. Por fim, decide-se passar a primeira parte da festa na companhia de Findtan e a segunda metade no forte de Cúchulainn, cujo nome de criança era Setanta (o que conhece o caminho). Mas o herói faz pouca honra ao antigo nome quando lidera os homens do Ulster a extraviar-se uma e outra vez ao teimar em ir desde um ponto no sudoeste (Dún Dá Bend) para o centro (Dún Delga), passando a norte (Temuir Lúachra). Não chegando isto, o relato faz troça de dois druidas-vigias, que mantêm uma discussão de grande comicidade a respeito de se são ou não guerreiros as sombras que vêm aproximar-se do forte, dúvida que ficará resolvida com o ataque, deixando aos representantes da classe druida numa lamentável situação.

- “Bricriu’s Feast” (Gantz 1986: 219ff.): É um longo relato que inclui todos os elementos significativos dos que uma celebração celta precisa, junto com elementos literários aparecidos noutras narrações e, entre outros, o tema da decapitação tratada pela narração anglo-saxónica “Sir Gawain and the Green Knight” ao lado de incursões dentro e fora do Além.

O contexto da festa é essencial para transmitir o mito da regeneração e o costume do desafio entre guerreiros pela melhor porção de carne e o lugar ao lado do chefe, que implica o respeito da hierarquia. Deleita-nos com uma magnífica série de descrições, um estudo de costume e psicologia feminina e uma série quase interminável de aventuras principescas, tudo dentro de um dos relatos mais regozijantes da literatura irlandesa.

Da mesma maneira que o famoso pastor de Bodb mencionado, a personagem de Bricriu promove a discórdia aonde quer que vá, encarna a inveja e a soberba, suscita os mais desleais instintos do guerreiro, incitando-o ao desafio dos iguais. A alcunha “Nemthenga” significa “língua venenosa”, mas as maldades dele raras vezes ocasionam uma catástrofe, excepto para ele próprio, e proporcionam o meio para introduzir uma força cómica na sequência heróica.

Esta grande festa-competição dos guerreiros do Ulster torna-se consecutivamente sobre a necessidade da supremacia de uns sobre os outros, implica a outros reis e inclusive aos deuses, para acabar por admitir a superioridade do campeão do Ulster, Cúchulainn, quando este já não quer o tal reconhecimento. Como num desenho celta de filigranas, cujo princípio é o seu final, esta história leva-nos de um lado para o outro, sem chegar a lado nenhum.

Sem a pretensão de ter esgotado o número de relatos que desenvolvem a temática do banquete na literatura irlandesa, descobrimos naqueles mencionados a magia do divino e o frescor do humano, paradigmas de realidade e irrealidade que constituem a maneira celta de entender a vida, a necessidade de viver os grandes momentos com paixão e de os recriar com dignidade. Como povo, perseguiram a beleza na arte, os actos heróicos, a comida, a bebida, a paixão carnal, cultivaram a amizade e souberam da tradição, criaram um mundo irreal paralelo porque nem tudo na vida se pode tocar, desejaram uma morte digna e sonham com uma vida de fama. Mas seguramente não chegaram a sonhar com essa vida de fama que lhes seria outorgada de modo quase milagroso pelos textos que nunca escreveram.

Mas isso é outra história, para ser contada noutra ocasião.

### Bibliografía citada

- DOOLEY, Ann; ROE, Harry. *Tales of The Elders of Ireland*. Oxford; New York: Oxford University Press, 1999.
- GANTZ, Jeffrey (ed.). *Early Irish Myths and Sagas*. London: Penguin Classics, 1986.
- JACKSON, Kenneth H.. *A Celtic Miscellany*. Harmondsworth, New York; Ringwood; Ontario; Auckland: Penguin Books, 1979.
- KINSELLA, Thomas. *The Táin*. London: Oxford University Press, 1982.
- O'FAOLÁIN, Eileen. *Irish Sagas and Folk Tales*. Dublin: Poolbeg Press LTD, 1986.
- ROLLESTON, T. W. *Celtic*. 1<sup>st</sup>. edited in 1911 as *Myths and Legends of the Celtic Race*. New York: Avenel Books, 1986.

### Bibliografía recomendada

- CAHILL, Thomas. *How the Irish Saved Civilization*. New York; Toronto: Anchor Books, 1996.
- DELANEY, Frank. *The Celts: Conquerors of the Twilight*. London: Grafton Books, 1989
- GREGORY, A.. Cuchulain of Muirthemne. In: *A Treasure of Irish Myth, Legend and Folklore*. New Jersey: Gramercy Books, 1986.
- \_\_\_\_\_. *Gods and Fighting Men*. Dublin: Nonsuch P. L., 2006.
- GREEN, Miranda 1997: *Dictionary of Celtic Myth and Legend*. London: Thames and Hudson Ltd.
- JACKSON, Kenneth H.. *A Celtic Miscellany*. Harmondsworth; New York; Ringwood; Ontario; Auckland: Penguin Books, 1979
- ROLLESTON, T. W. *Celtic*. 1<sup>st</sup>. edited as *Myths and Legends of the Celtic Race* in 1911. New York: Avenel Books, 1986.
- SAINERO SÁNCHEZ, Ramón. *Leyendas celtas en la literatura irlandesa*. Madrid: Akal, 1985.

---

### Notas

<sup>1</sup> Tradução do espanhol ao português feita por Rubén Domínguez García.

<sup>2</sup> *Ciuin* é um dos nomes descritivos das ilhas que formam o paraíso terreno dos celtas. (Jackson 1979: 314, n. 144.)

<sup>3</sup> Os alicerces do forte Armagh mostram sinais, ao que parece evidentes, de que o edifício foi queimado em várias ocasiões, por causas entre as que não se exclui a cerimónia ritual.